

Passado, presente e futuro no magistério

Rodrigo Cribari Prado – 17 anos de UniBrasil

Há algum tempo li um texto sobre uma etnia andina chamada “Aimará”. De acordo com a compreensão desse povo originário, o tempo não é descrito como outros grupos humanos o concebem, ou seja, de forma contínua e linear: passado, presente e futuro. Creio que o que mais me encantou foi descobrir que os Aimarás – quando se referem ao passado – fazem gestos à frente do corpo, visto que “conhecem” e “veem” as experiências passadas. Por outro lado, o futuro para esses indígenas andinos é sempre indicado como algo atrás do corpo, às costas, já que ainda não é conhecido e guarda sempre uma expectativa em relação àquilo que pode vir a ser.

Pensando no exemplo dos Aimará e observando o passado “à minha frente”, percebo como o tempo passou rápido nesses 17 anos de UniBrasil. Entrei na instituição em 2008, ainda muito jovem, com apenas 28 anos de idade. Antes disso, tive diversas experiências de trabalho, principalmente em academias de fitness aqui de Curitiba.

Recordo-me, como se fosse hoje, da apreensão que senti ao entrar em uma sala de aula pela primeira vez como “professor”. Essa experiência foi tão marcante para mim que até hoje recordo os nomes de todos os estudantes daquela turma. Nesse período, o UniBrasil já tinha muitos cursos, mas nem de perto era instituição que hoje conhecemos.

Algo que eventualmente compartilho com os meus estudantes é que eu não tinha clareza, quando jovem, acerca de qual seria o meu caminho profissional. Muita gente se surpreende porque acredita que a gente “nasce professor”, como se fosse

uma vocação, um destino incontornável. A minha experiência, no entanto, não foi assim. Sempre gostei muito de estudar, também tenho alguma facilidade para falar em público. No entanto, só isso não torna alguém professor! Posso assegurar sem qualquer dúvida que “é” – e aqui utilizo o verbo no tempo presente não por acaso – no convívio com os meus estudantes e colegas de trabalho que venho aprendendo o sentido pleno da expressão “ser professor” e por isso sou muito grato.

O único ponto que lamento – não com tristeza, mas com certa perplexidade, porque isso faz parte da natureza da vida – é que como vamos nos aprimorando ao longo do tempo, penso que gostaria de ter sido o professor que sou hoje para as minhas primeiras turmas. Não sei o exatamente o que o futuro me reserva, apesar de todo o meu planejamento, afinal ele está “às minhas costas”, mas espero ser surpreendido, positivamente surpreendido (risos), com o que virá.

